

**COM A PALAVRA, AS IMAGENS! representações do feminino nas capas dos romances da Biblioteca das Moças (1940-1960)**

*Maria Teresa Santos Cunha*

Entre 1940 a 1960, uma coleção de romances intitulada “Biblioteca das Moças” encantou leitoras de classe média, muitas delas jovens professoras, com suas histórias românticas. Publicada pela Companhia Editora Nacional, esta coleção era incentivada à leitura nas Escolas Normais e foi vendida em todo o país, a partir dos finais da década de 1930. Seus enredos seguiam uma estrutura bem definida: o herói – nobre e rico – e a heroína – plebéia e pobre – como núcleo problemático no início e ao final, se encontrando no casamento feliz: um eco da moral dos contos de fada. A Coleção era composta de cerca de 170 volumes, muitos deles assinados por M. Delly, pseudônimo utilizado pelo casal de irmãos franceses – Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (1870-1949) e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (1875-1947).

Os livros traziam capas desenhadas, coloridas e apresentavam sempre figuras de jovens mulheres em poses românticas, algumas vezes sozinhas, outras vezes figuras de casais em cenas idílicas que aguçavam a imaginação das leitoras (1). Assim, pode-se considerar que as imagens que estampavam as capas e os títulos dos livros da “Biblioteca das Moças”, notadamente aqueles publicados durante a década de 1950, eram portadoras tanto de um conjunto de signos como forneciam um suporte para representações que se desejavam, principalmente, para uma mulher de classe média, urbana, escolarizada.

Ao olhar as capas e títulos dos livros é possível perceber estratégias através das quais estas imagens acionavam dispositivos que poderiam funcionar para certa educação das sensibilidades das leitoras seja pelo uso

de termos ligados ao romantismo presentes em seus títulos, seja pelas cenas apresentadas que classificam o texto, sugerem uma leitura e sinalizavam para a construção de significado, um protocolo de leitura (2).

Dentre os vários romances da coleção mais procurados, mais vendidos e mais lembrados por leitoras, destacam-se *Magali*, *Mitsi*, *Freirinha* e *Meu vestido cor do céu*, e a partir de suas capas serão tecidas algumas considerações.



O romance *Magali* (volume 52 da Coleção) estava na 10ª edição, em 1960. A capa exhibe, sob um fundo verde-água, uma cena “inocente”: em um jardim, duas mulheres estão sentadas em um banco, sob uma frondosa árvore que lhes fornece sombra. Há flores em botão, ao seu redor. Elas parecem conversar e suas mãos repousam educadamente sobre os joelhos num gesto freqüentemente descrito nos romances como de muita fineza. Vestidas com roupas singelas que apenas sugerem um corpo, as duas mulheres transmitem idéia de inocência. Nessa capa, a representação de figuras femininas em um cenário de natureza paradisíaca parece estar ligada a uma convenção literária romântica. A imagem de germinação, representada pelas flores em botão faz referência a uma tipificação romântica de um culto à natureza que se apresenta

sempre festiva, harmoniosa e edulcorada. Tais imagens relacionam feminino/natureza, nessa convenção romântica, à situações de paz e quietude, propiciando sonhos e devaneios, fornecendo matéria de alimentação para o imaginário.

O volume de número 67, edição de 1954, intitulado *Meu vestido cor do céu*, por sua vez, apresenta a figura de uma bela mulher morena, de corpo esguio que traja uma roupa azul, vaporosa, esvoaçante ornamentada por uma única jóia que brilha, próxima ao ombro direito. Colo desnudo e braços de fora sinalizam um modelo para ocasiões especiais, um grande acontecimento festivo é o que parece indicar a imagem apoiada em um sofá azul escuro em composição com o traje!

*Freirinha*, volume 61, edição de 1953 traz apenas o rosto de uma singela figura de mulher loura, cabelos curtos, roupa sóbria sem mostrar nenhuma outra parte do corpo, em que pese olhos e boca maquiados. O rosto aparece emoldurado em um cenário onde se destacam galhos de flores miúdas em tom cor-de-rosa, naturalizando, mais uma vez, a relação feminino/flores/natureza.

Dois casais em idílio amoroso enfeitam as capas dos romances *Elza* (nº. 151/1960) e *O sentimento do amor* (nº. 157/1960) e esta já é uma diferença em relação à década anterior uma vez que há insinuação de contato entre os casais, ainda que não haja a concretização do beijo entre eles. As roupas vermelhas das protagonistas apresentadas em primeiro plano podem ser lidas como protocolos de leitura: personagens mais livres, urbanos supostamente mais afinados com sua época.

O romance *Mitsi*, edição de 1961 é o volume 156 da coleção e sua capa é emblemática de uma mudança substancial na maneira de representar o feminino. Sobre um fundo verde, uma figura de mulher morena, de cabelos negros e curtos, usando grandes brincos dourados e pele maquiada. Suas roupas são vistosas e de cores vibrantes (vermelho, verde, amarelo) e deixam entrever as formas femininas. Os nomes próprios femininos (Magali, Mitsi, Elza) como títulos dos romances para moças, por exemplo, costumava ser uma das estratégias de imagem para

atrair mais atenção pois que são nomes que designam jovens, modelos de mulheres, seus sonhos, encontros e desencontros sempre finalizando com o chegada do príncipe encantado e, conseqüentemente, do casamento.

Coloridas, mais ou menos contidas, emblemáticas, as imagens de capa e os títulos dos romances de M.Delly da coleção Biblioteca das Moças constituíam-se em protocolos de leitura e, à medida que iam se modificando criavam possibilidades, a cada comunidade de leitores/as de apropriações singulares que se dirigiam frontalmente às moças e poderiam ser persuasivas para a construção de um imaginário romântico. Pode-se pensar que as imagens em desenhos (capas) e em letras (títulos) participaram, com maior ou menor apropriação, da construção de sensibilidades em suas leitoras. O número de edições desses romances, a idade das leitoras, as estratégias de circulação, a presunção de verdades ali estampadas, a educação feminina do período que, em geral, se articulava a um culto à domesticidade, concorrem para estas evidências.

Na perspectiva da História da Leitura, as imagens das capas e dos títulos são espaços abertos a múltiplas leituras e nem sempre têm toda a eficácia aculturante que se lhes atribui com freqüência, pois que ler imagens com palavras permite tanto a incorporação e a permanência de signos e valores como a reapropriações, os desvios, as desconfianças, as resistências.

#### **NOTAS:**

(1) Um estudo mais acurado das imagens de capa foi feito em CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução. Os romances de M.Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.1999.

(2) CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.1989. p.133.

**REFERÊNCIAS:**

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. 1989. p.133.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução. Os romances de M.Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.1999.

**sobre o(a) autor(a):**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/UDESC.